

veiculadas e a recusa da concessão de subsídios eram sintomas de uma insatisfação mais profunda e perigosa no setor das relações externas da Inglaterra.

Aqui temos portanto um estudo interessante sobre uma dessas discutidas crises que pontilharam a história política da Inglaterra no século XIV.

J. R. DE ALMEIDA MELLO

* * *

BIRABEN (Jean-Nöel). — *Les hommes et la peste en France et dans les pays européens et méditerranéens*: tomo I *La peste dans l'histoire* e tomo II *Les hommes face à la peste*. Paris, Mouton, 1975-1976 (coleção "Civilisations et Sociétés", 35-36), 455 e 416 páginas, ilustrações, mapas, gráficos e tabelas.

Os dois volumes desta obra foram concebidos de maneiras diferentes, o primeiro com uma estrutura histórica, voltada para a evolução da peste através do tempo, o segundo examinando as diversas formas do homem encarar aquele flagelo. Inicialmente o autor faz uma introdução médico-epidemiológica, fornecendo certas noções importantes, e quase sempre desconhecidas do historiador e do demógrafo, para se seguir o desenvolvimento histórico da peste. Este é então examinado em três grandes momentos: a peste justiniana da Alta Idade Média, a Peste Negra do século XIV e a peste na Época Moderna, até seu desaparecimento do Ocidente na primeira metade do século XVIII. Depois de o ritmo sazonal da peste e seu reaparecimento cíclico terem sido estudados, a atenção de Biraben volta-se para as perdas humanas provocadas pela doença, bem como para o comportamento demográfico das populações em tempo de peste. O segundo volume começa com um interessante estudo das concepções antigas sobre a peste, vista dentre outras formas como resultado de castigo divino, de conjunção de planetas, de eclipses, ou da passagem de cometas. Analisa-se em seguida a luta contra a peste, que assumia duas formas: de um lado, magia, sacrifícios, exorcismos, uso de talismãs, preces, procissões, apelo a santos e outras credences; de outro lado, com uma crescente importância, a presença cada vez mais constante das intervenções estatais, através de regulamentos sobre higiene, medidas contra o contágio, contra a difusão da peste de uma região para outras, recrutamento de pessoal especializado para tratar dos doentes, etc.

Talves pela amplitude do tema, o autor — levado a examinar vários cenários visitados pela peste em diferentes momentos — comete algumas impropriedades que sem, de forma alguma, comprometer o valor da obra, diminui um pouco seu alcance. Este é o caso, por exemplo, de alguns momentos em que Biraben não chega a fundamentar melhor uma afirmativa, como ao examinar as perdas humanas provocadas pela Peste Negra na paróquia de Saint Nizier de Lyon, constata uma mortalidade feminina maior, que ele atribui ao fato de provavelmente haver na cidade mais mulheres, devido a uma emigração rural de-

signal, e ao fato delas no início da epidemia estarem mais expostas à doença que os homens (I, 166). Não há, porém, nenhuma explicação sobre as razões de uma emigração feminina maior, nem tampouco do porquê as mulheres estavam mais expostas à peste. Em outra passagem do livro (II, 39), encontramos a afirmativa de que as relações sexuais eram vistas como perda de vitalidade por parte do homem, que ficaria assim com menor resistência à peste, daí a queda de natalidade nos anos seguintes às pestes dos séculos XVI e XVII, mas não há dados comprobatórios.

Há, a nosso ver, um certo desequilíbrio entre as partes analíticas e as descritivas, por exemplo quando o autor estuda a organização da luta contra a peste: a um rápido exame das medidas tomadas contra a peste, segue-se longa lista dos locais que adotaram aquelas medidas, e em que data. Por fim, muitas questões importantes ficam em suspenso, assuntos relevantes são tratados *en passant*. Por exemplo, não se examina a influência da peste no nível da sensibilidade, suas conseqüências para a arte, o que já foi tentado (1), mas sem de maneira alguma deixar de ser um campo ainda a explorar. Apesar de admitir o importante papel da peste sobre as mentalidades (II, 184), em nenhum momento chega a analisá-lo. Ao tratar das reações frente à Peste Negra, o autor examina a fuga de populações dos locais empestados, a agressividade que se expressava no massacre de judeus e leprosos e na histeria coletiva dos flagelantes, mas apenas cita a projeção, obra de artistas, “espécie de exorcismo do misterioso flagelo” (I, 57). Em vários momentos o autor poderia, a partir de elementos já fornecidos, tentar esboçar o papel da peste na psicologia coletiva ou seus reflexos nos preços e salários, mas tal não acontece.

Esta obra, no entanto, apesar de suas limitações, pode se constituir num excelente instrumento de trabalho. Para tanto, oferece mapas e gráficos de grande qualidade e utilidade. Da mesma maneira, o historiador demógrafo pode encontrar sugestões de método bastante válidas, que o autor justifica dizendo que “algumas cifras hipotéticas, enunciadas com prudência e que se poderá eventualmente criticar e modificar, valem mais que um silêncio estéril” (I, 307). Aproveitando-se de seus conhecimentos médicos, devidos à sua formação, Biraben desmistifica certas idéias difundidas sobre a peste, por exemplo sobre suas vinculações com a fome (2): “se existem laços entre a fome e a peste, não é,

(1). — MEISS (M.), *Painting in Florence and Siena after the Black Death*. New York, Harper Torchbook, 1964.

(2). — A sub-nutrição foi várias vezes vista como causadora da peste: LUCAS (H. S.), *The great european famine of 1315, 1316 and 1317*, in *Speculum* V, 1930 p. 343-377, cf. p. 357, 364 e especialmente 377; PERROY, E. As crises do século XIV. As origens numa economia contraída *Revista de História* VII, 1953 p. 255-272 cf. p. 269; CARPENTIER (E.), *Autour de la Peste Noire: famines et épidémies dans l'histoire du XIV siècle* in *Annales E.S.C.* 6, 1962 p. 1062-1092 apesar de chamar a atenção para o perigo das generalizações, não deixa de considerar o ciclo clima-fome-pestes “uma útil hipótese de trabalho, mesmo se ela não se verifica em todos os casos” (pg. 1078).

como se pensa freqüentemente, por que a primeira provoca ou agrava a virulência da segunda; mas por que a peste muitas vezes leva à fome, seja rarefazendo a mão-de-obra no momento das colheitas devido à sua violência, como acontece quando das primeiras epidemias no século XIV, seja pelas medidas de isolamento e de interdição de circular, tanto para pessoas quanto para mercadorias, que desorganizam a economia de toda uma região (...). Secundariamente então, a fome, pelos deslocamentos dos famintos e pelos transportes de grãos, contribui para a disseminação da doença" (I, 153-154). Para exemplificar determinadas situações, o autor recorre a algumas interessantes sondagens monográficas, como faz com Barcelona para mostrar a importância da peste como fator de demografia urbana (I, 198-218) ou com Auriol, na Provença, para estudar o comportamento demográfico de uma população em época de peste (I, 313-332). Por fim, a rica bibliografia — 3270 títulos entre fontes manuscritas, livros e artigos — pode ser de grande auxílio para quem pretenda pesquisar em maior profundidade algum aspecto da história da peste (apesar das obras estarem em ordem alfabética por autor e não divididas por assunto, o que facilitaria sua utilização).

Em suma, trata-se de um trabalho de fôlego, de muito valor e utilidade, mas que ainda deixa inúmeras lacunas a serem preenchidas. Um estudo completo da peste, abordando além dos aspectos tradicionais uma história dos preços e dos salários, uma sociologia da doença, uma história da mentalidade, da sensibilidade e da espiritualidade frente à epidemia — sem dúvida trabalho de equipe — continua por ser feito.

HILÁRIO FRANCO JÚNIOR

* *
*

STOUFF (Louis). — *Ravitaillement et alimentation en Provence aux XIVe. et XVe. siècles*. Col. "Civilisations et Sociétés", nº 20. Paris-Haia, Mouton & Co., 1970. 508 páginas "in-8º" (16 x 24 cm), com mapas, quadros estatísticos e gráficos no texto e um gráfico fora do texto.

Como tem ocorrido com grande parte das pesquisas francesas recentes, o tema do trabalho em exame teve a sua inspiração nas propostas de ampliação de temática partida do famoso grupo dos *Annales*. Por outro lado, estando o problema da fome no mundo em grande evidência, é normal que a curiosidade dos historiadores tenha se voltado para os aspectos a ele relacionados no passado. Naturalmente, as disponibilidades documentais impõem limites à faina dos pesquisadores e, no caso presente, o Autor acentua que não há condições, na área geográfica escolhida (aliás, sensivelmente mais ampla do que a Provença clássica), para recuar o estudo ao período anterior a 1300 (p. 17). Outras restrições nascem do fato de apresentarem as séries documentais